

Meteiro, dr. Mário Mar-  
dr. Francisco Pereira  
oura, eng. João Cravi-  
ir. Jorge Sampaio e dr.  
rges.

representante a de-  
pelo Partido Socialista

-Face a notícias espe-  
vas começadas a surgir  
lguns órgãos de infor-  
, relacionadas com a  
ção do novo Governo,  
a-se aos profissionais  
ormação que, mais uma  
assumam as suas res-  
bilidades para com o  
volvimento e consolida-  
o processo revolucioná-  
não se façam eco de  
eis pressões particula-  
cunho oportunista.

-Este gabinete infor-  
a opinião pública da  
ão dos contactos que  
a ser feitos pelo pri-  
ministro).

## OFICIOSA ICS

Ministério da Comuni-  
Social recebemos a se-  
nota oficiosa:

Na sua edição de  
dia 17, publicou um  
da Imprensa matutina  
s e editoriais inexac-  
ndenciosos e altamen-  
turbadores da opinião  
a.

O Ministério da Co-  
ação Social não pode,  
mento político que se  
ssa deixar de pugnar  
bjectividade, clareza e  
de da informação, de  
a que a opinião públi-  
ssa formar-se livre-

Nestas condições, foi  
meada uma comissão  
uérto para apuramen-  
responsabilidades, in-  
lentemente de outras  
as que possam vir a ser  
as.

Aproveita-se para fa-  
apeloo ao professiona-  
bom senso, responsa-  
es e consciência polí-  
todos os profissionais  
municacão social em  
ios na consolidação  
ocesso revolucionário  
so, no sentido de evi-  
o sensacionalismo fá-  
divulgação de notícias  
ou qualquer outra for-  
manipulação da opi-

## IGACÃO TERMINADA

## SE CO LOURENÇO

s o comunicado final  
não do Conselho Su-  
da Revolução cerca  
horas da madrugada  
em, o capitão Vasco  
ço, porta-voz do refe-  
nseio, prestou as se-  
declarações:

ção futura do Gover-  
visório — Em relação

ção, a propósito do momento  
político actual. Por dificulda-  
des surgidas para um contacto  
com Mário Soares e Magalhães  
Mota, que se deslocaram para  
o Porto, foram registados os  
depoimentos de Alvaro Cunhal  
e Pereira de Moura.

A propósito da saída do Go-  
verno do PS e do PPD, Alvaro  
Cunhal respondeu:

— Pode dizer-se que termina  
o sistema de governo de cola-  
gação com representação oficial  
de partidos no governo. Foi uma  
experiência, uma experiência  
de bastante interesse e que po-  
deria ter tido, e poderia ter,  
até de futuro, um papel muito  
importante na construção do  
novo Portugal democrático, a  
caminho do socialismo, se todos  
os partidos, entendido, se todos  
compreendessem que não se trata  
de reabsorver um processo revolu-  
cionário, em moldes lidos nas  
cartilhas da Europa Ocidental.

De facto, creio que este sis-  
tema acabou e que não é neces-  
sário encontrar novas solu-  
ções. Por outro lado, estou con-  
fiado que se encontrarão as so-  
luções adequadas que permitam  
o prosseguimento do processo  
revolucionário dentro das gran-  
des linhas de orientação já tra-  
çadas pelas forças revolucio-  
nárias portuguesas e, muito  
particularmente, pelo M.F.A.,  
pela Assembleia do M.F.A. e  
pelo Conselho da Revolução.

## PENSO QUE A REVOLUÇÃO TEM CONDIÇÕES PARA SER REALIZADA

— diz Alvaro Cunhal

E. N. — Está crente que o  
processo revolucionário vai  
avançar?

ALVARO CUNHAL — Vai  
continuar. A questão do avan-  
çar, por vezes, cria uma ideia  
incorrecta do avanço geral do  
processo. O avanço geral dum  
processo revolucionário implica,  
muitas vezes, uma política  
um tanto em zigzague. Quer  
dizer: avanços nuns casos, re-  
cuos no outro; avanço mais  
apressado e, até, em flecha,  
em alguns sectores; ao con-  
trário, iniciado em ajustamen-  
tos, noutros. Portanto, o «fugir  
para a frente», como alguns  
dizem e o andar só para a  
frente, mas andar para a frente,  
na perspectiva geral, sim.  
Penso que, na verdade, a Revo-  
lução portuguesa tem todas as  
condições para realizar-se inte-  
liramente, ou seja, para conse-  
guir a construção de um Por-  
tugal democrático, em que exis-  
tam amplas liberdades demo-  
cráticas e, ao mesmo tempo,  
de realizar as reformas pro-  
fundas das nossas estruturas  
económicas e sociais, que abram  
o caminho para um sistema que  
ponha fim à exploração do  
homem pelo homem. Penso, na  
verdade, que esta Revolução  
tem condições de ser realizada.

E. N. — Portanto, continua  
a acreditar na originalidade do  
processo revolucionário por-  
tuguês?

ALVARO CUNHAL — Sem  
dúvida, em todos os momentos  
e até neste. Esta crise não  
deixa de ser profundamente  
original.

## DA REVOLUÇÃO NÃO SOFRE ALTERAÇÃO NENHUMA»

Foi, depois, a voz de Pereira  
de Moura falou à E. N., come-  
çando por afirmar:

— Considero, em primeiro  
lugar, que a linha de avanço  
político e a continuação da  
Revolução não sofre alteração  
nenhuma. Quer dizer, tem vindo  
a ser definida pelo M.F.A., em  
ligação com as forças popula-  
res. Ainda assistimos, na se-  
mana passada, à determinação  
como a Assembleia das Forças  
Armadas definiram as etapas,  
o caminho para a nova fase da  
Revolução. E, tem que ser evi-  
dente para todos nós, e para  
mim é absolutamente claro,  
bem como para o MDP, repre-  
sentado no governo, que não se  
pode vislumbrar, por causa  
deste acidente, digamos assim,  
da saída do PPD e do PS, qual-  
quer razão para alteração dessa  
linha que está marcada. Essa  
linha, que significa o avanço  
popular e o avanço do poder  
popular em ligação com as For-  
ças Armadas, veio clarear ni-  
tidamente as coisas.

Certas organizações políticas  
que, até agora, têm podido em-  
penhar-se e colaborar no pro-  
cesso verificaram que se enga-  
naram, que não podem e que  
afinal, o caminho para o socia-  
lismo e para a transformação  
social em benefício da genera-  
lidade do povo português não é  
o caminho dessas organizações.

E. N. — Por isso, não se  
trata de um acidente, mas de  
um processo natural no pro-  
cesso revolucionário?

## DA NECESSIDADE DE UM TRABALHO DE ESCLARECIMENTO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

PEREIRA DE MOURA —  
Considero que sim. Quer dizer,  
a minha interpretação é que é  
um caminho traçado e que vai  
progredindo com relativa rapi-  
dez. Isso vai deixando de lado  
aquelas camadas ou certos  
grupos da população portu-  
guesa que têm interesses fran-  
camente opostos à marcha dessa  
revolução. Portanto, reagem ou,  
nalguns casos, também reagem  
e também se manifestam con-  
tra, pelo menos temporaria-  
mente, porque não vêem com  
clareza quais são os seus ver-  
dadeiros interesses. E aí é que  
me parece que há um grande  
trabalho de esclarecimento, um  
trabalho que as forças progres-  
sistas têm a fazer, que é exat-  
tamente no sentido de desblo-  
quear esse tipo de situação.  
Sei lá, há muitas pessoas e po-  
demos dizê-lo, das classes mé-  
dias, da pequena burguesia,  
enfim, não se pode chamar  
classe, enfim das camadas in-  
tellectuais, que se deixam im-  
pressionar por certas facetas  
daquilo que vai acontecendo e,  
até, se põem numa atitude con-  
trária ao processo, neste mo-  
mento. Mas se levar a análise  
um bocado mais a fundo, se  
essas pessoas, enfim, puderem  
analisar bem quais são as pers-  
pectivas e qual é a continuação  
que se pode antever para o  
processo, acabam por reconhe-  
cer que esse processo que está  
em curso lhes é favorável, em

ções para que essas pessoas  
possam consciencializar-se e  
examinar, correctamente, a si-  
tuação, e não deixar-se embalar  
por certas palavras vagas que  
são atiradas, de vez em quando,  
precisamente para embalar as  
pessoas.

## CHANCELA DE AUTENTICIDADE AO QUE O POVO PROPUNHA

E. N. — E o MDP/CDE con-  
tinua confiante?

PEREIRA DE MOURA —  
Aí, sim. Agora, talvez mais con-  
fiante do que no passado, por-  
que a situação está francamen-

# A SAÍDA DO GOVERNO DE MARTINS PEREIRA

João Martins Pereira, se-  
cretário de Estado da Indús-  
tria e Tecnologia, revelou pu-  
blicamente, num documento,  
as razões do seu pedido de de-  
missão. Depois de salientar  
que sair do Governo poucos  
dias depois de o ter feito o  
Partido Socialista apresenta o  
risco evidente de se ver asso-  
ciado nas suas motivações  
com essa organização parti-  
dária, e num momento em que  
é grave a situação económica,  
desmente terem qualquer fun-  
damento os boatos postos a  
correr, segundo os quais exis-  
tiriam divergências insanáveis  
dentro do próprio Ministério  
da Indústria.

Depois de analisar a actua-  
ção dos partidos e respectivos  
projectos políticos, após o 28  
de Setembro, aborda o proble-  
ma do MFA face à crise eco-  
nómica e ao problema da au-  
toridade revolucionária, afir-  
mando, nomeadamente, que a  
prática política do MFA apre-  
ceceu frequentemente contra-  
ditória, agravado o facto pela  
criação (ao sabor do desenrol-  
ar do processo) de uma mul-  
tiplicidade de centros de po-  
der efectivo, em domínios par-  
ceculares, mas parcialmente so-  
brepostos, cada um pautando  
a sua acção em função de es-  
tratégias partidárias ou por  
reação a elas.

O documento explicativo  
prossegue:

«A indústria «segura-se»  
no dia em que se «segura» a  
economia, e nesse dia «segu-  
ra-se» o próprio processo re-  
volucionário. Ora isso só é  
possível fazer-se com uma cla-  
ra afirmação de isenção revo-  
lucionária. De outra forma,  
poder-se-á mesmo assim «se-  
gurar» a economia, mas talvez  
isso custe demasiado em ter-  
mos revolucionários: será in-  
evitável uma acção repressiva,  
tanto mais dura quanto mais  
dias passarem. Mesmo admi-  
tindo que um MFA, na ausên-  
cia de outra alternativa, ven-  
ha a trilhar esse caminho,  
serão então bem diminutas as  
hipóteses de vir a cumprir-

plior coisa que pode existir é  
exactamente o compromisso, o  
compromisso. Enfim, a palavra  
diz tudo. Portanto, tem que se  
ver, daqui e dali, em certas  
questões um bocado importan-  
tes, qual a melhor oportunidade  
para as resolver.

Agora, as coisas estão a  
ficar extremamente mais cla-  
ras. Insisto, essencialmente a  
partir da Assembleia do M.F.A.,  
da semana passada, que, niti-  
damente, veio responder, veio  
dar, enfim, uma chancela de  
autenticidade e de legalização  
àquilo que amplas camadas do  
Povo espontaneamente já vi-  
nham a fazer em muitos  
aspectos.

-se o programa revolucionário  
do «documento-guia». São  
grandes os riscos.

Têm sido ditas tantas pa-  
lavras, tantas têm sido as sá-  
bias análises, tantos os avisos,  
que pela minha parte não vejo  
que chegue o verbo para pro-  
nunciar o meu alerta e fazê-lo  
ouvir pelos homens do MFA.

Aceito os meus riscos. De-  
mito-me.

E o documento termina  
com a seguinte nota:

«O pedido de demissão foi  
feito no dia 14 de Julho. A de-  
cisão estava tomada algumas  
semanas antes, mas a sua  
gravidade impôs uma obser-  
vação atenta dos aconteci-  
mentos posteriores à publica-  
ção do P.A.P.»

# MITERRAND SOLIDÁRIO COM MÁRIO SOARES

PARIS, 17 — François  
Mitterrand, primeiro-secretá-  
rio do Partido Socialista  
Francês, dirigiu hoje a Mário  
Soares, secretário-geral do  
Partido Socialista Português,  
uma mensagem exprimindo  
«a inteira solidariedade» do  
seu Partido «com o de Mário  
Soares. E como segue o texto  
dessa mensagem, divulgado  
hoje à noite pelo P.S. Fran-  
cês: «Na difícil situação que  
o vosso país, atravessa desde  
que os ministros socialistas  
foram levados a deixar o Go-  
verno, desejo exprimir-vos,  
com os meus sentimentos pes-  
soas de amizade e de confian-  
ça, a inteira solidariedade do  
Partido Socialista Francês  
com o vosso combate.

«A presença dos socialis-  
tas no Governo representava,  
a nosso ver, a garantia real  
duma evolução democrática  
de Portugal para uma socie-

dade mais realista.  
«Os objectivos do Partido  
Socialista Português, ontem  
no Governo, hoje fora dele,  
continuam a ser, estou con-  
vencido disso, os que haveis  
definido: reequilíbrio da si-  
tuação económica e evolução  
para uma sociedade socialis-  
ta no respeito da vontade po-  
pular já recente e clara-  
mente expressa.

«Para atingir esses objec-  
tivos, podeis ter a certeza do  
apoio activo dos socialistas  
franceses e do meu caloroso  
apoio pessoal. Com toda a  
amizade. Assinado: François  
Mitterrand».

Esta mensagem foi apro-  
vada pelo gabinete executivo  
do Partido Socialista Fran-  
cês, que por outro lado denunciou  
a atitude do governo fran-  
cês ao recusar, em Bruxelas,  
qualquer auxílio financeiro  
da C.E.E. a Portugal. — F.P.

FEDERAÇÃO DISTRIAL DO PORTO  
E  
NÚCLEO TÉCNICO DE TRABALHO  
DO  
PARTIDO SOCIALISTA

# P.S. FAZ DENÚNCIA DE TÁCTICAS E PROCESSOS

Do Secretariado da Fede-  
ração Distrital do Porto do  
Partido Socialista, recebemos  
o seguinte texto — resposta  
ao comunicado da DORN do  
PCP do passado dia 16:

«A «coerência táctica do  
PCP» está na grande capa-  
cidade que possui para am-  
pliar e dramatizar as situa-  
ções políticas, criando cui-  
mas emocionais alarmistas  
que em nada contribuem  
para a conjuração da crise  
existente, antes servem para  
a sua deterioração.

Hoje, uma vez mais, o  
PCP veio à rua com a sua  
táctica, visando por todos os  
meios ao seu alcance o PAR-  
TIDO SOCIALISTA e che-  
gando até à calúnia vil e a  
insinuação criminosas.

1. «Denunciar» o proces-  
so divisionista que o PCP  
está a provocar, insistindo  
em «golpadas tipo 4 de Ju-  
lho» e «intoxicações» tipo  
Rio Maior das quais saiu  
pouco «dignificado» (vide  
comunicado do COPCON e ao  
Povo de Rio Maior).

2. «Alertar» as forças re-  
volucionárias e socialistas  
para este tipo de actuação,  
que felizmente vai sendo des-  
mascarado, mas do qual o  
PCP parece não querer des-  
sistir.

3. «Lembrar» ao PCP que  
o PARTIDO SOCIALISTA é  
suficientemente grande e  
honesto de processos para  
não precisar que grupos po-  
líticos como o PCP venham  
«chamar a atenção de todos  
os socialistas que são mili-  
tantes e aderentes do PS no  
Norte...», quando antes de o  
fazer e no mesmo comuni-  
cado destila a mais desespe-  
rada confusão ideológica, sin-  
tomática da esteriedade de que  
está possuído.

4. «Responsabilizar» o  
PCP e a sua DORN em espe-  
cial, pelas consequências que  
a linguagem utilizada no co-  
municado de 16/ e a ideolo-  
gia veiculada pelo mesmo,  
podem acarretar para o avan-  
ço da unidade das forças so-  
cialistas, capazes de levar

por diante o processo revolu-  
cionário em curso, que aliás  
o PCP declara «frequentem-  
mente», estar interessado em  
concretizar, embora o co-  
municado em causa não o  
deixe transparecer.

5. «Dizer» ao PCP que  
procure o verdadeiro aivo  
para as suas apreensões e  
intimidações, dado que os  
socialistas estão comprometi-  
dos com a REVOLUÇÃO e  
não cedem a pressões pan-  
fletárias, que em nada con-  
tribuem para a construção  
da Sociedade Socialista».

Face à manifestação do  
PS, marcada para o Estádio  
das Antas, a comissão da fre-  
guesia de Massarelos da  
UJC, conforme um comuni-  
cado que chegou à nossa Re-  
daccão, considera a mesma  
«contra-revolucionária, que  
poderá ter graves consequên-  
cias na situação política  
actual».

## POSIÇÕES CONTRÁRIAS

«Não tenhamos dúvidas  
— prossegue o comunicado —  
de que a reacção estará pre-  
sente, neste fim-de-semana,  
na cidade do Porto. O FPD,  
CDS e as forças mais ne-  
gras da reacção, estarão pre-  
sentes nesta manifestação,  
para jogarem a sua cartada  
reaccionária».

Também o CDR do Liceu  
Nacional de Matosinhos, emi-  
tiu um comunicado em que  
se afirma, nomeadamente:

«No prosseguimento da sua  
linha oportunista e aventu-  
reirista, a direcção do PS,  
além de já ter ameaçado com  
a paralisação do País, de-  
monstrando o seu total des-  
prezo pela Batalha da Pro-  
dução, deu também provas  
de não estar com a REVO-  
LUÇÃO, ao sair do Governo  
e atacar frontalmente o MFA.

Como se isso não bastas-  
se, pormove para a próxima  
Sexta-feira um comício na  
cidade do Porto, que de for-  
ma alguma será uma mani-

festação só de socialistas  
todos os indícios de que  
comício traga ao Porto  
cionários e fascistas de  
o Norte, incluindo elerme  
do ELP, com a intensã  
aproveitar a oportuni-  
oferecida, de mão beij  
pela direcção do PS,  
criar todo um ambiente  
violência generalizada de  
sequências imprevisíveis».

Por sua vez o CDR da  
cidade de Ciências do F  
emitiu um comunicado  
que apela para a vigília  
revolucionária e consi-  
que «esta escalada mob  
os sectores fascistas (l  
por exemplo) e está pr  
a aproveitar as manife-  
ções e comícios promov  
pelo PPD e pela direcção  
PS. A mobilização maci  
demagógica destas orgar  
ções contra o MFA e co  
as conquistas democrát  
urge ser desmascarada».

Face aos acontecime-  
que neste momento, se vi  
no ncssso País, recebe  
também, comunicados  
Juntas de Freguesia do  
to e do CDR da Escola  
cundária da Maia, em  
se apela para a vigília  
de todas as forças revol-  
nárias no sentido de co-  
lidarem a sua unidade  
«para que a reacção seja  
magada».

Os estudantes e pro-  
sores da Faculdade de E-  
nharia da Universidade  
Porto, reunidos, ontem,  
Sessão Informativa, apr-  
ram uma moção em que  
nunciam «os objectivos r  
cionários que se escon-  
por detrás dos referidos  
mícios» do PS e PPD, m  
festam apoio ao MFA, ao  
meiro-Ministro e ao pi-  
dente da República; ri-  
diam a constituição de  
Governo de direita e ex-  
um Governo ao serviço

(Continua na pág. seguiu)